

PEDAGOGIA DO PÁTIO



INSPETORIA SALESIANA DO NORDESTE DO BRASIL

Coleção *Vida Salesiana*

PEDAGOGIA DO PÁTIO

03

RECIFE
2017

Título: Pedagogia do Pátio
Coleção: VIDA SALESIANA 3
Promoção e realização: Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil
Coordenação: Pe. José Pereira Lima Filho SDB
Luiz Moura AFS
Colaboração: Américo de Vasconcelos
Francisco Felipe Filho
Genésio Gomes
José Gonçalves da Silva
José Paulino da Silva
Luiz Moura
Sebastião Moreira Duarte
Capa: Jakeline Lira
Revisores: Luiz Moura
Pe. José Pereira Lima Filho
Editorial: Pe. Raimundo Ricardo
Luiz Moura
Impressão: FASA GRÁFICA
Contatos: Inspeção Salesiana do Nordeste do Brasil – (81)2102-0800
Luiz Moura – (81)9 9976-2816
Pe. José Pereira – (81)3542-1320

EDITORIAL

Caro amigo e amiga da família salesiana

Você está recebendo os fascículos da coleção VIDA SALESIANA. São cadernos que têm como objetivo cultivar, animar, alegrar o espírito de família segundo o coração de D. Bosco; serve também de apoio para o trabalho com grupos de jovens, professores e animadores dos oratórios.

A primeira remessa tem número limitado e é publicada como se estivesse em fase experimental e tem a mão de vários colaboradores; são 200 cópias de 3 cadernos bem distintos: ‘Pedagogia do Pátio’ para educadores e animadores de oratórios; ‘Só risos na vida salesiana – fioretti’ contam fatos engraçados envolvendo sobretudo os salesianos e ‘Joaquim Izidro – paixão pelos oratórios’ que conta a história simplificada de um cooperador salesiano apaixonado pelos oratórios

Se a proposta surtir efeito, as publicações vão continuar com outros focos e temas; é só aguardar.

Pe. Ricardo assim se expressou: apresentando esses cadernos:

‘Parabéns a você Padre Pereira e a você Moura que, ligados em Dom Bosco, à sua Pedagogia e a iniciativas outras em torno sobretudo dos Oratórios, lutam pelos ideais da educação dos jovens tendo como modelo aquele que empolgou e conquistou o coração dos jovens, Dom Bosco: “Por vós estudo, por vós

trabalho, por vós eu vivo, por vós estou disposto até a dar a vida” (Const. 14).

Para vocês, queridos oratorianos e para vocês amigos dos Oratórios, também vocês que trabalham com os salesianos, como animadores dos Oratórios, que conhecem, vivem e trabalham continuando a missão de Dom Bosco, servindo-se da Pedagogia do Pátio, dos Fioretti Salesianos e, sobretudo para vocês que conheceram o grande amigo e animador dos Oratórios em Juazeiro do Norte, **Joaquim Isidro, dedico estas linhas introdutórias e estimuladoras à leitura deste material tão rico e tão importante para a formação e missão de vocês entre os jovens.**

Dom Bosco lá do céu abençoe todos nós e para vocês alcance de Deus muitas e especiais graças a fim que continuem firmes e fortes na missão que receberam’.

Recife, 5 de fevereiro de 2017

ÍNDICE

DOM BOSCO

DOM BOSCO – SEBASTIÃO MOREIRA DUARTE 9

DOM BOSCO O EDUCADOR QUE APOSTOU NA JUVENTUDE –
JOSÉ PAULINO DA SILVA 12

PEDAGOGIA DO PÁTIO

SOCIEDADE DA ALEGRIA E A PEDAGOGIA DO PÁTIO – LUIZ MOURA 17

PEDAGOGIA DO PÁTIO – JOSÉ PAULINO DA SILVA 22

PEDAGOGIA DO PÁTIO – FRANCISCO FELIPE FILHO 24

FESTA, ALEGRIA E CRIATIVIDADE NA PEDAGOGIA DO PÁTIO –
LUIZ MOURA 26

PRÁTICAS DA PEDAGOGIA DO PÁTIO

PEDAGOGIA DO PÁTIO NO ORATÓRIO E COLÔNIA DE FÉRIAS EM
FORTALEZA (PIEDADE) – PE. AMÉRICO DE VASCONCELOS 33

UM CORAÇÃO ORATORIANO NO PÁTIO SALESIANO – LUIZ MOURA 35

DO PÁTIO AO TEATRO – LUIZ MOURA 39

PEDAGOGIA DO PÁTIO EM CARPINA – FRANCISCO FELIPE FILHO 41

PEDAGOGIA DO PÁTIO PÓS-CARPINA – FRANCISCO FELIPE FILHO 44

PEDAGOGIA DO PÁTIO UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL –
JOSÉ GONÇALVES DA SILVA 47

PEDAGOGIA DO PÁTIO E PRESENÇA DA MÃE – GENÉSIO GOMES 54

DOM BOSCO

DOM BOSCO

Sebastião Moreira Duarte
Academia Maranhense de letras e
professor da universidade Federal do Maranhão

Se na semana passada, o nosso querido Jomar Moraes desculpou-se por escrever sobre o próprio pai, argumentando que não havia muito de extraordinário nisso, porque, afinal, todo mundo tem pai e mãe, que desculpas inventarei por hoje falar de mim?

Explico-me: falo de mim, porque devo os alicerces de minha formação a um dos homens mais extraordinários que nos deu o século XIX. Fui beneficiado pela irradiação de seu trabalho quando já fazia 21 anos que ele havia sido declarado santo. Mas não é bom começar por essa constatação: haverá quem deduza daí que eu também sou santo. Além disso, para muita gente (mal-ensinada, é claro) isso poderia invalidar grande parte do esforço humano e dos méritos pessoais daquele homem que, antes, muito teve que domar a própria natureza.

Falo de Dom Bosco, de quem, depois de amanhã, após três anos preparatórios, os cinco continentes celebrarão o bicentenário de nascimento. Não lhes posso dizer de minha emoção e da festa feita em meu coração.

Dom Bosco foi um menino pobre, filho de trabalhador de roça, como também eu fui. A mais do que eu, não teve a ventura de conhecer o próprio pai, de quem ficou órfão com menos de dois anos de idade. Eu o encontrei, através de seus filhos espirituais, seus bravos seguidores, quando fazia 15 anos que a sua obra deitara raízes no solo seco do sertão. Na pequenina escola do meu bairro, eu vinha sendo destrutado por uma professora que optara pela preferência narcicista de um aluno, seu irmão, e, com grave acento depreciativo, me chamava de filho de lavrador, o que eu nem sabia o que era e, por isso, me chateava muito mais. Um colega de quem só recordo a extrema magreza e o apelido, Tideca, me perguntou se eu não queria largar aquela escola e passar

para outra, no extremo oposto da cidade, onde havia um padre que era uma pessoa muito alegre e um santo. Eu, que tinha a maior curiosidade de ver o que era um santo, figura de quem tanto se falava naqueles místicos cafundós, não hesitei na resposta. E foi assim que passei a frequentar o Oratório Festivo de Dom Bosco, na pequena cidade de Cajazeiras, na Paraíba.

Daí por diante, tudo correu mais rápido que uma fita de cinema. Com pouco tempo, o padre Manuel Alves dos Santos – “meu padim”, como lhe chamavam e como decerto teriam chamado também a Dom Bosco – me presenteou com um álbum quadrinado, que era a biografia do santo e foi uma das cartilhas mais favoráveis para eu me desasnar na decifração das letras.

No Oratório Festivo de Dom Bosco, eu soube, pela primeira vez, o que era merenda escolar, e joguei futebol com uma bola que não era de meia. Aprendi, ainda menino, o que era declamar poesia e fazer teatro.

Do Oratório, Dom Bosco me arrebatou com 11 anos de idade, para entregar-me ao ambiente familiar quando eu já completara 20 anos. Um *Bildung* e tanto, comentou comigo um colega alemão, muito depois. Estudei com os filhos de Dom Bosco, os padres salesianos, entre Pernambuco e São Paulo. Dizendo tudo em poucas palavras, eles me ensinaram valores que levarei para a eternidade, com um orgulho que não se diz em palavras.

Na segunda escola salesiana, em Jaboatão dos Guararapes, do alto de uma pedra imensa onde fincaram uma bela basílica (consagrada pelo arcebispo Dom Luís de Brito, maranhense de São Bento), a gente olhava para o galpão onde estava o dormitório dos internos. No oitão daquele prédio, um letreiro se abria em cores intensas, pintado entre raios de sol: “Dom Bosco é um canto infinito.” Era o estribilho de um dos hinos mais bonitos que já cantei.

Dom Bosco foi um dos maiores empreendedores de seu tempo. Proponente de uma pedagogia inovadora e sempre atual, é o único santo a quem a Igreja reconhece com o título explícito de educador (“pai e mestre da juventude”). Pioneiro da educação profissional, trabalhou na recuperação de meninos de rua, vivendo no meio deles, criando ambiente tão familiar que trouxe a própria mãe, para juntos darem a

vida por aqueles a quem a sociedade havia abandonado. Seu objetivo: “Formar bons cristãos e honestos cidadãos.” Trabalhador incansável, foi ainda um homem de imprensa, como poucos o foram. Sobretudo, convocando aqueles mesmos rapazes a quem dera meios para viverem com dignidade, fundou aquela que é hoje a terceira congregação religiosa do mundo católico.

Como vêem, além de Jomar, eu também tenho orgulho em revelar ao mundo o nome de meu pai espiritual e me rejubilar com o mundo pelos duzentos anos de quem realizou aqui na terra o único ideal que vale a pena: o da santidade.

DOM BOSCO O EDUCADOR QUE APOSTOU NA JUVENTUDE

José Paulino da Silva

(Reitor emérito e Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
– Doutor em Filosofia e História da Educação)

Os festejos do bicentenário do nascimento de Dom Bosco, lembrado no dia 16 de agosto, vem acompanhado de uma profunda inquietação: - por que nós, que nos consideramos cristãos, humanistas, democratas, cidadãos, não nos deixamos mover por compromisso semelhante ao que norteou a vida daquele educador? Não é anacrônico que, dois séculos após seu exemplo, e dois mil anos após a mensagem de Cristo, exista ainda quem defenda a redução da idade penal e o aprisionamento precoce de jovens? Não seria melhor revermos em que e porque estamos falhando, reconhecermos nossa omissão enquanto seres humanos, cidadãos, cristãos?

Trazer para a atualidade a lembrança da vida e da obra deste grande homem Dom Bosco, é um reconhecimento de gratidão por tudo que ele fez para melhorar a humanidade a partir do contexto histórico em que ele viveu. Empreendedorismo e operosidade foram duas marcas de sua vida. Um homem de ação mas de profunda fé em Deus, ardoroso defensor da Igreja Católica e do papado. Porém, o traço que marcou toda sua vida foi o de educador da juventude. E diga-se, da juventude pobre e abandonada. Muitos jovens na segunda metade de 1800, viviam excluídos dos benefícios do desenvolvimento industrial que atingira a cidade de Turim, Itália. A população daquela cidade crescia aceleradamente com a recém implantada industrialização. Uma das consequências decorrentes deste processo foi um contingente de jovens desempregados, analfabetos, pedintes, delinquentes, cujo destino era perambular pelas ruas, provocando um permanente mal estar social, tendo muitas vezes a prostituição e o cárcere como destinos.

O recém ordenado padre João Bosco foi trabalhar em Turim. Ali defrontou-se com aquela realidade. Logo percebeu que a lamentável situação em que se encontravam os jovens era por falta de oportunidade de educação e de atividades úteis para suas vidas. E aí começou a agir. Inicialmente aproximando-se, participando de algumas atividades esportivas, ensinando-lhes alguns princípios religiosos e proporcionando-lhes a aprendizagem de alguma arte e ofício. É evidente que isto foi um processo gradativo, que exigia muita dedicação, muito respeito e amor àqueles jovens. Isto não foi nada fácil para quem estava investido da autoridade de um sacerdote numa sociedade conservadora como a da Itália naquela época. A reação foi visível inclusive por parte dos membros do clero. Mais tarde, quando já esboçava um regulamento para esta sua obra inicial, que ele denominou de Oratório Festivo de São Francisco de Sales, ele escrevia: “Quando me entreguei a este setor do ministério sagrado, pretendi consagrar todos os meus esforços para a maior glória de Deus e vantagem das almas, pretendi ocupar-me para fazer bons cidadãos nesta terra, a fim de que fossem depois, um dia, dignos habitantes do céu. Deus ajude-me a poder continuar assim até o último respiro de minha vida.” (Braido, 234).

A convivência com os jovens o tornou um dos maiores educadores do século. Defendia que a educação da juventude deveria fundamentar-se em três princípios: “razão, religião e amabilidade”. O homem, como ser racional, deve se desenvolver como ser consciente de sua condição humana. Sem compreensão racional das coisas, da vida, do mundo, não se educa, se adestra. A religião entendida como ligação do homem com Deus Criador, os valores espirituais, a fé na imortalidade da alma devem fazer parte de uma educação moral, para que o homem educado, com sua prática na terra, eleve a qualidade de vida da humanidade. O amor / respeito ao jovem é um outro componente defendido no sistema educativo pregado e praticado por Dom Bosco. São suas palavras textuais a seus discípulos educadores: “procura fazer-te amar antes de te fazeres temido” (...) “as tuas solitudes seja todas dirigidas ao bem espiritual, saúde física e progresso científico dos jovens que a Divina Providência te confia.” (Braido vol. I, 547)

Entre os inúmeros personagens que a Igreja Católica apresenta como modelo de santidade, Dom Bosco é o único que recebeu a consagração do título de “Patrono, Educador da Juventude”. Título único e raro. Merecido.

A melhor forma de celebrar seu bicentenário, é por em prática os princípios e os ideais que ele tanto defendeu em vida. Cada vez mais a sociedade excludente em que vivemos precisa de exemplos como o de Dom Bosco. Os políticos, gestores públicos, legisladores, empresários, instituições educativas, bem que poderiam se inspirar no carisma pedagógico deste grande educador que ele foi. Muitos dos jovens pobres vivem na ociosidade, sem perspectiva de futuro, sofrendo com a falta de emprego; oprimidos pela sociedade que convida ao consumo sem dar meios para a aquisição dos produtos oferecidos; desiludidos por uma escola que não consegue conectar-se com a vida, nem corresponder à necessidade de desenvolvimento intelectual, social e espiritual, os jovens não raro, são aliciados pelo tráfico e vítimas do crime.

Nas cidades existem espaços que poderiam ser ocupados com bons projetos educativos. O ensino de música, teatro, arte, prática de esportes, aprendizagem de algum ofício, espaços para leitura, acompanhados por educadores, mestres da cultura popular e oficineiros, todos devidamente bem remunerados, deveriam fazer parte de um programa de educação extra-escolar. Hoje a cidade de Aracaju, dispõe de alguns espaços ociosos, com boa estrutura, que bem poderiam ser reaproveitados para atividades educativas dirigidas à juventude. Entre os espaços cito: O Gonzagão, o Centro de Criatividade, a enorme área ao lado do Colégio Salesiano onde outrora funcionava o Oratório Festivo. Seria oportuno que parte dos recursos devolvidos por sentenças judiciais aos cofres públicos, fossem aplicados em projetos para a educação destes jovens pobres. Seguindo o exemplo de Dom Bosco, quem sabe, ao invés de abandonar os jovens à ociosidade ou encarcerá-los, possamos desenvolver seu potencial criativo, inseri-los de forma positiva na construção de um Brasil melhor

PEDAGOGIA DO PÁTIO

SOCIEDADE DA ALEGRIA E A PEDAGOGIA DO PÁTIO

Luiz Moura

Não se pode tratar da pedagogia do pátio sem conhecer a ‘sociedade da alegria’. Alegria é palavra chave na pedagogia de D. Bosco. Quando se fala em São Bento se pensa logo em oração; Francisco de Assis santificou a natureza e Dom Bosco a alegria. Mas o que é essa alegria do fundador dos oratórios? Já que oratório significa literalmente ‘lugar de oração’? Alegria e pátio se identificam mas alegria e oração tem alguma coisa a ver? Uma boa pergunta para se discutir

Alegria

Sobre isso vamos perguntar aos primeiros salesianos que trabalharam com Dom Bosco, ou seja no início de tudo.

João Bonetti ainda estudante anotava em uma de suas crônicas: “Dom Bosco costuma dizer aos jovens do oratório que deles quer três coisas: alegria, trabalho e piedade (...) No momento devido corram, saltem, divirtam-se até mais não poder, mas, por caridade, não façam pecado”

Caviglia insiste: “Dom Bosco soube ver a função da alegria na formação e na vida de santidade, e quis que reinasse entre seus jovens a alegria e o bom humor. *Servam ao Senhor na alegria* podia ser chamado o décimo mandamento da casa de Dom Bosco”

Pe. Barberis afirmava que “O último dos sete ‘segredos do Oratório’, revelados por Dom Bosco em junho de 1875 é: Alegria, canto, música e grande liberdade nos divertimentos”

Caviglia novamente na biografia de Miguel Magone afirma: “se lembramos que até quando foi possível, Dom Bosco deixava todo o resto para encontrar-se *no pátio* com seus filhos, nós compreenderemos a importância que este fator tem, aos seus olhos de pai e de educador das almas dos seus filhos”

O próprio D. Bosco, na carta de maio de 1870, entre muitas outras coisas afirma: “eu procurarei fazer vocês alegres”

Como fino pedagogo que era, a alegria para D. Bosco, não era só recreio, divertimento, mas autêntica, insubstituível realidade pedagógica. Através da alegria insinuava em seus jovens pensamentos de religião e aproximação às práticas dos sacramentos. A alegria torna-se para os jovens, campo de irradiação de bondade e se manifestava através de jogos, brincadeiras, conversas alegres, gritos, aplausos criando um ambiente que distanciava o jovem de cometer pecado.

Nos dias atuais as famílias colocam nas mãos dos filhos objetos de brincadeira que insinuam os jovens à prática da violência: facas, revólveres, tanques de guerra, soldados com fuzis; no tempo de D. Bosco isso também era permitido mas os fuzis não tinham cano.

Para D. Bosco a alegria assume também um significado religioso; basta lembrar o episódio de Domingos Sávio quando afirma: ‘a santidade aqui consiste em estar sempre alegres’

Basta lembrar que a liturgia do santo identificou o dito bíblico ‘servi ao Senhor com alegria’; é só conferir a festa litúrgica do dia 31 de janeiro.

Sociedade da alegria

Tudo isso se manifesta em Dom Bosco quando ainda era criança. Então com 12 anos funda a sociedade da alegria.

Naquela época (1832) existiam muitos jovens abandonados, rebeldes e desamparados. Como na realidade de hoje, eles tinham muitas opções pouco construtivas como o roubo, jogos de azar e o vício. Muitos amigos de Dom Bosco queriam atraí-lo para a desordem, porém o procuravam para ajudar na realização dos seus deveres, uma vez que ele tinha grande facilidade intelectual e afetiva. Com este meio ele captou a benevolência e o afeto dos colegas. Muito preocupado, resolveu criar algo novo, inusitado: organizou um momento onde poderia ajudar os jovens nos estudos e posteriormente brincar e se divertir com os mesmos, através de atividades circenses. Para isto designou a Sociedade da Alegria. Para participar dela eram necessários os seguintes requisitos:

Nenhuma ação, nenhum discurso que possa envergonhar um cristão;
Cumprir os próprios deveres escolares e religiosos;

Ser alegres.

Para Dom Bosco, a alegria é a profunda satisfação que nasce do saber-se nas mãos de Deus e, portanto, em boas mãos. É palavra nobre, porém a indicar grande valor, a “esperança cristã”. Assim a santidade consiste em estar sempre alegres.

As festas

De grande valor pedagógico para D. Bosco eram as festas; aliás o oratório era conhecido como ‘oratório festivo’ pois se realizava em dias de domingos e dias festivos. No tempo de D. Bosco, além de 24 de maio e do onomástico de D. Bosco que era 24 de junho dia de S. João Batista, havia inúmeras outras festas de santos e santas; algumas dessas festas tinham também tríduos e novenas; talvez achando pouco ainda criou a festa do diretor que tinha uma grandeza particular; essa festa ainda perdurou até pouco tempo e atualmente assumiu o nome de festa da gratidão mas sem o brilho de antigamente. Hoje as festas dos santos se acabaram, outras passaram para o domingo e aqui no Brasil os oratórios deixaram de ser festivos e se tornaram dominicais. Nas celebrações das festas havia sempre essa dupla dimensão: o sagrado e o profano; a oração e a edificação. Para D. Bosco a mais querida festa era aquela em que o jovem se aproximava da comunhão eucarística.

Agora se entende o dito de D. Bosco quando afirmava: ‘uma casa salesiana sem música era uma casa morta’. Os mais antigos sabem que as casas salesianas de uns 40 anos para trás tinham banda de música ou orfeão ou coral; outras se modernizaram e criaram ‘os grilos dos guararapes’ (Recife – Pe. Samuel), Canários do Cariri (Juazeiro do Norte) e no sul do país fez muito sucesso, os canarinhos da Guanabara (Rio de Janeiro – Pe. Ralfi Mendes). Quando não tinha música havia espaço para as artes cênicas; como as bandas, havia também teatro em todo Colégio Salesiano.

Aqui no Brasil havia publicação de ‘leituras dramáticas’ que eram representadas em todos os colégio salesianos.

(Fonte: BRAIDO, P. PEDAGOGIA DA ALEGRIA E DA FESTA – CAP. 16)

Em comemoração aos 200 anos de presença de Dom Bosco no mundo, adolescentes do Instituto Medianeira (Casa da Criança), de Rio Pardo, Rio Grande do Sul - obra social das Filhas de Maria Auxiliadora, da Inspetoria Nossa Senhora Aparecida de Porto Alegre, estudaram a vida do Santo da Juventude e prepararam poesias para homenageá-lo. Confira abaixo:

1. Joãozinho Bosco

O nosso querido Joãozinho Bosco
Numa família pobre nasceu.
Para piorar a situação
seu amado pai faleceu.
O menino fazia mágicas...
seu irmão se surpreendeu.
Um grito horrorizado
seu irmão Antônio deu.
Ingressou no Colégio
Isso foi um passo marcante.
Com muita vontade e dedicação
Joãozinho se tornou importante.
João Bosco fundou a célebre
Sociedade da Alegria.
Era uma organização Juvenil
Tudo na maior harmonia.

2. Dom Bosco era assim...

Dom Bosco era assim...
Fundador da Família salesiana
Gostava de estar no meio das crianças
Desejava que fossem felizes
Nesta vida e na outra.

Dom Bosco era assim...
Teve um sonho misterioso
Vários meninos brigando
Uma imagem brilhante Tornou tudo radiante.

Dom Bosco era assim...
Fundou a Sociedade da Alegria
Era um lugar de lazer
Onde João contava histórias
E todos cumpriam o dever.
Dom Bosco era assim...
Amava os jovens de verdade
E queria que soubessem disso
E para provar seu amor
Lutou, rezou, sofreu, deu a vida!

Roteiro para discussão

Ler Fl 4, 4-9 em pequenos grupos, comentar:
Distância entre a pedagogia do tempo de D. Bosco e de hoje
Como atualizar a sociedade da alegria para os dias de Hoje
Recitar as poesias sobre a sociedade da alegria ou criar outras

PEDAGOGIA DO PÁTIO

José Paulino da Silva

Em um colégio salesiano o pátio é o espaço que mais favorece oportunidades para múltiplas aprendizagens do jovem. Aprendizagem relacionada ao seu crescimento físico, mental e também sócio-cultural moral e espiritual. Não tenho dúvidas em afirmar que para a pedagogia salesiana, o pátio é um laboratório rico em possibilidades que favorecem à boa formação do jovem. É evidente que este espaço precisa ser bem utilizado de maneira prática e agradável. Diferentemente dos outros ambientes onde os jovens se encontram coletivamente: a exemplo da capela, do refeitório, do dormitório, salão de estudo, o pátio proporciona maior interação dos jovens entre si e destes com seus superiores, assistente, conselheiro escolar, diretor do colégio e outros. A interação no pátio, se dá em todos os momentos, mas ela acontece sobretudo durante a prática dos esportes coletivos, como futebol, vôlei, basquete e outras modalidades esportivas. Creio que no pátio, o que mais se aprende é respeitar ‘as regras do jogo’. E esta é uma aprendizagem muito importante para o resto da vida. Saber entrar e saber sair no momento certo, eis uma das regras importantes de qualquer situação no jogo da vida. Conhecer as próprias limitações e as dos outros é um dos segredos para o sucesso de muitos desafios que o jovem encontrará no futuro. E isto se aprende no pátio quando se pratica atividades coletivamente. No pátio se aprende a contar com a participação do outro, valorizar o potencial de cada um, também saber perder. Uma palavra chave que resume a pedagogia do pátio, é a solidariedade. Esta qualidade está cada vez mais se tornando necessária numa sociedade que vem estimulando o isolamento e o comportamento individualista das pessoas.

Ressalte-se ainda que na atual sociedade, sobretudo nos grandes e médios centros urbanos, cada vez mais faltam espaços para o lazer da juventude. Em especial para os jovens que vivem numa situação de risco, assediados pelas drogas, criminalização, violência etc. É neste contexto que o pátio pode tornar-se espaços para abrigar de forma prazerosa estes jovens proporcionando-lhes além de um clima de

companheirismo, atividades culturais religiosas na ótica da pedagogia salesiana na qual foi pensado o oratório festivo.

Posso dizer que em minha longa passagem pela pedagogia salesiana, o pátio foi um espaço dos mais agradáveis, mais prazerosos. Isto não só no período de minha formação de ginásio e científico mas também durante minha formação superior em Lorena SP onde fiz os cursos de filosofia e pedagogia, durante os dois anos em que fui assistente no Aspirantado de Carpina e depois quando cursei dois anos de teologia na capital paulista. Além da prática de esportes, o pátio é o espaço para conversas, brincadeiras, diálogo. Embora em alguns momentos mais raros, o pátio tem sido o lugar mais apropriado ao acerto de contas dos desentendimentos quando estes surgem no relacionamento entre os jovens..

Em seus ensinamentos, Dom Bosco valorizava muito a presença do salesiano entre os jovens na hora do recreio. Esta presença em seu entender, tinha uma finalidade educativa: favorecer o mútuo conhecimento entre educando e educador, e assim, alimentar melhor o clima de confiança, de amizade e de família tão desejado por este grande idealizador da pedagogia salesiana. Ressalte-se que São João Bosco é, reconhecido pela Igreja Católica como Santo Educador patrono da juventude, cujo bicentenário de nascimento, este ano é festejado por toda a família salesiana de todos os continentes.

(José Paulino da Silva –Membro da Ação Fraterna Salesiana, doutor em Filosofia e História da Educação, Professor da Universidade Federal de Sergipe, autor dos livros: Itinerários de Libertação a educação entre o discurso progressista e a prática conservadora, e Elogio da Amizade ambos editados pela Sotaque Norte Edt. de S.Luiz MA)

PEDAGOGIA DO PÁTIO

Francisco Felipe Filho, sempre SDB

Não me assalta qualquer dúvida de que a foto de Francesco Serra, 1861, em Turim, adrede exposta no impressionante calendário salesiano de 2015, sintetiza maravilhosamente três das inúmeras originalidades da pedagogia do fascinante, sedutor e inimitável Dom Bosco: religião, pátio e avanço no tempo. O registro é de um confessorário ao ar livre, no pátio portanto, já que apenas a cadeira e o genuflexório estão expostos, com o detalhe de tantos outros penitentes. A cena documenta-se, hoje, mais que um sesquicentenário depois, em tantas igrejas, sobretudo quando se trata de multidões em retiros, procissões, congressos... Convince-me a fotografia dessa conclusão, afinal, naqueles tempos, a confissão ocorria em um confessorário, com um padre recolhido em um cubículo, separado do seu penitente por uma tela.

Retorno a uma das originalidades: conhecia ele a louvável pedagogia de São João Batista de la Salle, mas, reconhecamos, a de Dom Bosco chegou ao laudabilíssimo. Conhecer na prática essa pedagogia à Dom Bosco fascinou-me para todos os momentos da minha missão magisterial, que também revelarei em pinceladas clarificadoras nestes textos de louvação à tarefa daqueles perturbadores tempos, e seria decisiva nestes tempos de violência juvenil, de jovens desocupados – sem família ou escola, proibidos de trabalhar –, tão atual seria pela produtiva ação do tempo ocupado, com oficinas, esportes, apostolado aos jovens pelos próprios jovens, orientados por salesianos incansáveis, ardentes e fiéis seguidores do ‘*ci vado io*’, e não cansados do sempre meritório afazer nas escolas de qualidade, imprescindíveis para garantirem as obras em prol da juventude, paixão de Dom Bosco.

Este é um preâmbulo como pretexto para a publicação da série PEDAGOGIA DO PÁTIO, em tão oportuna hora sugerido pelo eficiente seguidor de Dom Bosco, Padre José ‘Bosco’ Pereira de Lima Neto. Assim o faço para, neste texto e nos vindouros, testemunhar a eficácia do sistema educativo em que fui mergulhado e de que emergi preparado para o mundo familiar, profissional e religioso, onde procuro,

pobrememente é verdade, seguir os passos do meu Guia, que ora está vendo-me, e sorrindo para mim, da parede do meu ‘escritório’ – lugar de escrever. Imperioso é, então, explicar de que maneira cheguei ao amado universo salesiano.

Aos onze anos, trabalhava no baixo comércio de Fortaleza com minha mãe, ao lado da Catedral, ainda com as paredes pela metade e a obra paralisada naqueles anos de 1959 a 1961, e uma freirinha fortemente afrodescendente, como penitência, de noviça talvez, de sua congregação, vendia bolos com um tabuleiro na cabeça. Perguntou a minha mãe se aquele menino tão trabalhador e ‘bonzinho’ não queria ser padre (uns sete anos antes, um primo, que estudava no aspirantado em Jaboatão, passou pela minha casa lá nas bibocas de Iguatu, duas léguas e meia da ‘rua’ e contou a meus pais como era a vida lá. Ainda quis saber de mim se eu também não queria ser padre. Estava com uns cinco anos, sem saber, afinal, do que se tratava, entretanto, vez em quando, perguntava a meus pais quando iria ser padre). Minha mãe recontou-lhe a história. A freirinha marcou então para encontrar-me com o Padre Olavo, Raimundo Olavo Coimbra, ordenado em 1957 com o Padre Aguinaldo e o Padre Dantas, José Dantas da Silva. Avenida da Abolição, 3000. Fortaleza, muro de pedra até poucos anos atrás, hoje restaurante chique Sal e Brasa, já sem o muro de pedra deu-se o felicíssimo encontro. Era domingo à tarde. Naquele dia, lá estivemos minha mãe e eu; depois, fui com meu pai ao colégio da Piedade. Estava entusiasmado.

Não sei como, minha mãe comprou todo o enxoval, com itens que não conhecia, como fronha, pijama, saboneteira, Enfim, aos 11 de fevereiro de 1961, de madrugada, um amigo nosso levou-nos ao aeroporto numa Rural. O avião não apareceu. No dia 13, finalmente, em um avião da NAB – Navegação Aérea Brasileira, guiados pelo Padre Paulo Cabral da Rocha, aterrissamos em Recife e dirigimo-nos ao Colégio Salesiano Sagrado Coração, onde almoçamos no refeitório dos aspirantes a coadjutores, irmãos leigos da Congregação. À tarde, em um jipe, com trole atrás, a troleite, chegamos a Carpina. Na viagem, perguntei a Seu Benício, queridíssimo João Benício de Sá, motorista que nos conduzia, se jogaríamos assim que chegássemos. Respondeu, para nos animar, que sim; não foi assim, todavia. Não houve qualquer jogo. Foi a única mínima decepção da PEDAGOGIA DO PÁTIO.

FESTA, ALEGRIA E CRIATIVIDADE NA PEDAGOGIA DO PÁTIO

Luiz Moura

A pedagogia salesiana é fascinante porque não está interessada apenas em entupir a cabeça do educando de conhecimentos; não cuida apenas do pescoço prá cima mas na atividade pedagógica leva em conta a pessoa em sua totalidade: dimensão corporal, espiritual, festividade, alegria e criatividade. Professores que passaram pela formação salesiana impressionam quando atuam como mestres em ambientes não salesianos. O que tem de diferente? Não se sabe. É um “quê” mas não se sabe o quê.

Quando comecei lecionar no curso de teologia para leigos da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – na recepção dos novos alunos, o pessoal do departamento já me advertia: a recepção aos novos alunos é com você porque vem de um ambiente salesiano. E lá estava eu recebendo os novos alunos com a criatividade herdada dos filhos de D. Bosco.

Brincando com as palavras

Pedagogia é literalmente o ato de conduzir a criança; em grego, PAIS – PAIDÓS significa criança e AGUEIN significa conduzir. Conduzir a criança. Podia ser entendido como uma função dos escravos da antiga Grécia que conduziam as crianças para o local onde acontecia a educação. Com o passar dos tempos seu significado foi tomando novos contornos e se enriquecendo de tal forma que pedagogia hoje não significa apenas conduzir criança a se tornar gente, pessoa e humana. Pedagogia é a arte de conduzir pessoas à prática do bem; é o ato de tornar homens, mulheres e crianças como sujeitos de construção de um mundo novo, fraterno e humano.

Pátio é o lugar onde por primeiro o educando das obras salesianas toma contato antes mesmo da capela, das salas de aula ou do teatro; se alguém entra em uma escola e não tem pátio, desconfie; você pode estar entrando em um ambiente não salesiano; mas se de fato for uma escola salesiana algo de errado deve estar acontecendo. É no pátio onde a familiaridade tão característica da pedagogia salesiana é vivenciada: trocam palavras, corre-se, canta-se, grita; o professor, o salesiano ou o funcionário se encontra com o aluno fala-se de família, de futebol, de política, de namoro e do último capítulo da novela. Em tempos atrás, era no pátio que o coordenador escolar reunia os alunos para o momento de oração antes do início das atividades escolares. Na tradição salesiana, o pátio deveria ser a sala dos professores; a rigor não deve existir uma ‘sala’ para os professores ficarem durante o recreio; fica-se no pátio. O melhor castigo que um educando pode receber é ser mandado prá fora de sala de aula; ele vai para o pátio; o pátio torna-se o lugar dos rejeitados de sala de aula. Todo salesiano e bom salesiano deve cuidar bem do pátio; onde não houver construção há pátio. E viva o pátio!

Alegria é uma palavra bíblica; está escrito na carta de Paulo aos cristãos de Filipo: “alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez vos digo: alegrai-vos” (Fil. 4,4); esse texto faz parte de uma das leituras da missa da festa de D. Bosco que reconhece S. João Bosco como o santo da alegria. A alegria é também um atributo da divindade: Deus é alegria. Manifestamos a presença de Deus em nós quando estamos alegres. Há um canto pastoral às vezes cantado nas celebrações que retrata essa realidade: “a alegria está no coração de quem conhece a Jesus”. No ambiente salesiano, segundo D. Bosco a santidade consiste em estar sempre alegre. Os salesianos de D. Bosco são reconhecidamente educadores portadores da alegria; mesmo quando requer o vigor há ternura; mesmo quando se tem que mostrar enérgico é também paterno; quando se mostra sério não se perde a alegria jamais. O “alegrai-vos sempre no Senhor” de Paulo foi escrito num ambiente de tristeza; ele estava preso em Roma; Sabemos que em prisão não há motivo para a alegria. Mesmo com mil interrogações em sua cabeça por sua condição de prisioneiro, Paulo ainda encontra força para animar a comunidade de Filipos. O livro do apocalipse é um livro de animação para os cristãos do império romano que sofriam as perseguições e lá o autor sagrado deixa essa mensagem consoladora: “*Vi novo céu e nova terra... Eis o tabernáculo de Deus com os homens... Ele lhes enxugará dos olhos*

toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor...” (Ap 21.1- 4). Passagens bíblicas como essa – e existem muitas semelhantes – só podem nos tornar alegres! As casas salesianas não podem existir sem o teatro; o teatro é lugar da manifestação da alegria. Ali se desenvolve a arte dramática e acontecem os shows dos artistas da comunidade educativa: arte cênica e musical; A criatividade dos educadores deve estar voltadas para os teatros ou auditórios com a realização de festivais e encenações inclusive bíblicas. O teatro tem a capacidade de trazer para dentro da obra salesiana o público externo e os parentes dos alunos e oratorianos. Em Juazeiro do Norte, no final da década de 70 o oratório do colégio sobrevivia com shows realizados no teatro da instituição.

Festa é o momento especial da manifestação da alegria que acontece em algum lugar determinado. Toda festa cristã deriva da grande festa que é a solenidade da páscoa. Páscoa foi a notícia mais alegre recebida pela pequenina comunidade cristã: daí prá frente só festa, só alegria: Cristo ressuscitou. Essa dimensão da festa foi esquecida porque por só enxerga o lado comercial da festa. A festa para o comércio torna-se um momento especial de ganhar dinheiro e tirar vantagem. Qual a vantagem? Qual o lucro? É que pensam. Esta forma de pensar da sociedade não anda de acordo com o sentido da festa cristã. A festa cristã é reflexo da grande festa da ressurreição de Cristo: a páscoa. No tempo da colonização aqui no Brasil o agir da sociedade se confundia com o agir da Igreja. O governo criou muitas festas não para lembrar a páscoa do Senhor mas controlar o povo. Estas festas duraram até pouco tempo; ainda resta uma ou outra delas. D. Bosco sabia muito bem o sentido das festas e além de tudo percebeu a importância que dava ao “espírito de família”. Nas escolas salesianas as festas são momentos especiais de manifestação desse espírito. Por isso nossas obras não são chamadas de “colégio” mas de “casa”: casa salesiana. Nessas casas salesianas aí vive a grande família. Por isso D. Bosco valorizava muito a função do ‘diretor’ como o pai e animador da grande família. Nas casas salesianas as festas começam na capela com a celebração mas seu grande momento acontece nos pátios. O pátio é o lugar efetivo da festa. D. Bosco ainda inventou algumas festas para fazer crescer o espírito de família: festa do diretor e festa do inspetor. Como o forte da pedagogia salesiana é o ‘espírito de família’ não poderia faltar a festa da mãe que em todas as casas salesianas é celebrada com grande pompa: FESTA

DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA. Sendo o pátio o lugar da festa não faltam aí alegria que se manifesta em competições esportivas em todas as categorias. Outro elemento constitutivo da festa é a música; música é outra forma de manifestação da alegria salesiana. D. Bosco não admitia uma casa salesiana sem música; música é como uma alma; dá vida; anima; toda alma é espírito animador; por isso casa salesiana sem música é morta. Bem-aventurado é o salesiano que cultiva a música. Numa revisão que se deve fazer nas casas salesianas um item que não se deve faltar é o da animação musical. É triste entrar numa casa salesiana e perceber o serviço de som de péssima qualidade e aparelhos de som sucateados.

Criatividade é o forte da pedagogia salesiana; pedagogia não é só uma ciência; é também uma arte; um educador salesiano sem a criatividade será um educador que falta aquele “quê” (que não se sabe o que) que caracteriza o educador salesiano. A criatividade deve acompanhar o salesiano em tudo. O salesiano criativo com certeza será sempre bem sucedido; não há como não ser. Lembro que certa vez quando trabalhava no Salesiano de Juazeiro estava com alguns alunos ao pé da escada que une o térreo ao primeiro andar e desceu por ela uma salesiano que já havia sido diretor do colégio; os alunos fizeram silêncio até que o padre passasse; quando passou, um dos alunos fez esse comentário: “esse foi pior diretor que esse colégio já teve”. Faltou criatividade no tempo de sua gestão. O salesiano tem que ser criativo em tudo: como inspetor, como diretor, assistente, pároco e sobretudo como professor. Dois tipos de educadores se perpetuam na memória dos alunos: aquele extremamente rígido ou o criativo. A vantagem do criativo é que pode exercer o vigor com criatividade.

ROTEIRO PARA DISCUSSÃO

1. O que há em nossa prática educativa e que caracteriza uma verdadeira pedagogia salesiana. O que não há.
2. Descrever o pátio na atual conjuntura de nossas escolas: o que acontece aí; a presença de salesianos; a presença de professores; relação entre professor-aluno-funcionário.

3. Imaginar o que diria D. Bosco se visitasse o ambiente de nossa escola, hoje.
4. E os nossos oratórios? Presença dos salesianos; alegria e a festa

**PRÁTICAS DA PEDAGOGIA
DO PÁTIO**

PEDAGOGIA DO PÁTIO NO ORATÓRIO E COLÔNIA DE FÉRIAS EM FORTALEZA (PIEIDADE)

Pe. Américo de Vasconcelos

Há anos que o Oratório de Fortaleza estava fechado. Os dias livres da meninada e fins de semana de escola deixavam a casa salesiana de Fortaleza vazia. Não precisou de propaganda, nem campanha para reabrir o Oratório. Bastou a notícia de que o Oratório ia acontecer que um bom número de meninos e meninas movimentou o pátio da Paróquia de N. SENHORA DA PIEIDADE. Número sempre crescente leva-nos a dizer que os oratórios tradicionais não estão ultrapassados. Hoje mais que nunca os meninos de todas as classes sociais precisam de espaço para gastar as próprias energias. Outro fato relevante é a presença de jovens dirigindo e orientando, organizando o esporte e o passeio para os oratorianos. o aspecto religioso não poderia deixar de estar presente porque é esta a finalidade desse trabalho.

Fizemos a colônia de férias e os duzentos meninos jovens divertiram-se a valer. E ainda acrescentamos que esta colônia de férias foi executada em três áreas na Paróquia de N. S. da PIEIDADE; no Instituto São Filipe Smaldone (escola de surdos-mudos) que participaram ativamente e dois deles foram agentes principais. Um deles é vocacionado ao sacerdócio, e o terceiro núcleo aconteceu na comunidade São Gabriel, área carente do bairro e da paróquia; o sucesso foi total. A generosidade dos paroquianos garantiu os meios para material esportivo, didático, merenda e financiamento do passeio preparado para os monitores.

Os 20 jovens que organizaram toda a colônia de férias aprenderam a liderar, organizar, disciplinar e trabalhar em equipe.

Só isso valeria a pena. Jovens sendo protagonistas da melhor experiência pedagógica intuída por Dom Bosco: a pedagogia do pátio. Podemos dizer que o Oratório traz uma grande resposta social às necessidades atuais dos jovens:

- espaço seguro, tranquilo e de amizade para todos;
- a aprendizagem sadia da convivência, sem discriminação;
- treinamentos de liderança e protagonismo juvenil;
- alegria sadia nos pátios com educadores e colegas, sem violência e sem preconceito;
- a partilha solidária do alimento e dos brindes, ofertados pela comunidade.

UM CORAÇÃO ORATORIANO NO PÁTIO SALESIANO

Luiz Moura

Houve um homem chamado por Deus e seu nome era Joaquim; sua missão nunca esteve distante do lugar onde nasceu; foi chamado ali em Juazeiro do Norte, ali viveu, ali trabalhou, viveu o evangelho de Jesus segundo o coração de São João Bosco e depois de cumprir sua missão retornou realizado para a casa do Pai. Não é exagero afirmar que a vivência religiosa de Joaquim Izidro do Nascimento beirava a uma mística cristã profunda.

“Quem não teria ficado admirado ao ver e ouvir aquela voz suave e delicada de Joaquim Izidro nos pátios barulhentos do Colégio Salesiano aos domingos e nas festas da escola? Homem simples, revestido sempre de muita humildade, e ainda, por trás e para além de tudo, revelando, naquele frágil corpo de homem de Deus, franzino no físico, mas de tal grandeza de coração que a todos conquistava. Seu Joaquim, como todos o chamavam, com muito amor e respeito, era um educador sem distância, era um amigo de Dom Bosco, era um salesiano cooperador, presença edificante de educador entre os jovens. Seu coração era verdadeiramente oratoriano”. (Pe. Raimundo Ricardo, in UM SALESIANO COOPERADOR DE CORAÇÃO ORATORIANO)

‘Fervia em seu coração um verdadeiro ardor apostólico, uma paixão pelos Oratórios. Encontrar-se com os jovens na dinâmica do Oratório Salesiano era tudo para ele, era todo o seu domingo, era sua família e a semana inteira ele a vivia em função do encontro com os seus jovens oratorianos’. (Pe. Ricardo, IDEM)

Seu filho Izidro Júnior destaca essa presença incansável de seu pai no pátio do Salesiano em atividades no oratório: “Entre milhares de lembranças, destaco agora imagens de quando eu acordava aos domingos e minha mãe pedia que levasse um lanche para meu pai, que estava no colégio salesiano desde muito cedo e ainda não tinha saciado sua fome de pão. Me dirigia ao colégio para entregar-lhe o alimento e entendia o quanto dependia dele a organização dos uniformes, bolas,

apitos, cartões, súmulas, etc. INCANSÁVEL, essa é uma das palavras que o identificam. O Sr. Robério, irmão salesiano, testemunhou que Seu Joaquim era o primeiro a chegar e último a sair do Oratório”.

Sr. Robério completa: “Aos domingos, bem cedo, a passos largos, pelos pórticos do colégio salesiano, o Sr. Joaquim Izidro cuidava de arrumar desde o apito para os jogos do dia à catequese e merenda das dezenas de jovens que não tardariam a chegar para o lazer semanal. Era o primeiro a chegar e o último a sair”

Lázaro Alves, do Oratório N. S. Auxiliadora, deixa seu testemunho sobre o amigo de alma oratoriana: “Joaquim era animador do oratório do colégio salesiano e gostava muito de cuidar dos jovens, ensinando-lhe o catecismo. Ele procurava implantar no coração daqueles garotos, o amor de Jesus Cristo, a devoção a Nossa Senhora e Dom Bosco. Tinha muita facilidade de transmitir a sua mensagem, pois era muito devoto de D. Bosco e vivia integralmente a sua fé”. E acrescenta Lázaro: “Apesar de não ter muito estudo, conseguiu absolver o amor ao próximo e, como cristão autêntico, fazia tudo para que o reino de Deus fosse conhecido. Como bom catequista e animador de oratório, corria, pulava com os meninos, adquirindo amizade e plena confiança deles. Gostava de ensinar aqueles cânticos simples que transmitiam uma grande mensagem e penetrava o amor de Deus no coração das crianças, tal como:” Eu tenho um amigo que me ama, que me ama... esse amigo é Jesus”. E a garotada gostava e repetia muitas vezes. Não se pode nem calcular o efeito produzido, pois, uma música simples e atraente, é como uma chuva fina que penetra e fecunda a terra”.

Não há como dizer “Joaquim”, em Juazeiro do Norte e não lembrar de imediato do “oratório”, do pátio; é completa identificação. Da mesma forma como dizemos que o filho tem a cara do pai, analogamente podemos afirmar que Joaquim tem a cara do oratório.

O amor do Joaquim para com o Oratório era sensível. Foi o homem do Oratório. Vibrava em conversar e brincar com os meninos do Oratório, embora sentisse a realidade de muitos. Foi um cooperador que gostava de participar da vida salesiana. Era presença nos seus acontecimentos e festas”

Na casa salesiana de Juazeiro do Norte, houve época em que as atividades do oratório iam bem e também época em que as atividades não funcionavam; era trabalhoso, dispendioso e deixavam sujo o ambiente.

Preocupado com esta situação Joaquim começou a pensar o oratório para além do oratório que funcionava na casa salesiana; um oratório que dispensava a animação do salesiano consagrado; consagrada já era sua vida aos oratórios e começam a surgir os oratórios para além do oratório.

Joaquim Izidro Júnior conta como isso aconteceu em Juazeiro: “na segunda metade da década de oitenta, o oratório já não estava sendo realizado. Seu Joaquim tinha ficado com um certo vazio no peito pela necessidade dessas atividades uma ausência que impulsionou novas buscas (se não fossem as ausências não existiria buscas). Em 1988, Seu Joaquim acalmou seu coração quando, junto com amigos, fundou o Oratório Pe. Luiz Cassiano (homenagem a um padre salesiano que ele muito admirava), num bairro pobre, conhecido na época como ‘beira da linha’ (próximo ao matadouro antigo). Não precisava tanto para começar o trabalho, apenas uma frondosa mangueira e um campo de futebol, já era muita coisa para quem tinha vontade de sobra. Semanalmente, também aos domingos, após um trabalho de catequese, à sombra do ‘pé de manga’, havia lanche e jogos. Eu, já crescido, o ajudava e aprendia mais...”

Da mesma forma que não foi fácil para D. Bosco iniciar um trabalho assim, imagine para Joaquim. Um oratório no espaço do colégio é uma coisa; um oratório debaixo de uma mangueira é outra coisa; não havia desafio que Joaquim não enfrentasse com fé, esperança e muito amor, aos meninos mais pobres.

Como Joaquim conseguiu levar em frente e manter o oratório Pe. Luiz Cassiano? O filho, Izidro Júnior continua: “o aumento do número de jovens o fez buscar outros lugares para que o funcionamento fosse possível. Passou assim por várias escolas, sendo muitas vezes convidado a mudar de lugar por conta da agitação do tipo de trabalho (jovens fazem barulho). Escutava sempre dele que isso era normal e citava Dom Bosco como exemplo de vários “despejos” e a persistência que o fez continuar. E o oratório “de Seu Joaquim” continuava...”

O oratório continua e no dia 28 de agosto de 2011 inaugura suas primeiras salas em um terreno doado a alguns anos também próximo à linha de ferro, um pouco além da primeira localidade. No dia 28 de agosto de 2011, domingo, Joaquim Izidro Júnior afirmou: “Já são 13h45 desse domingo, por essas horas Seu Joaquim almoçava com uma enorme sensação de dever cumprido, a mesma sensação que partilho hoje e percebo o quando podemos ser feliz num domingo...” manifestando também “uma infinita alegria pela dádiva de tê-lo como pai e precisou escrever essas linhas para lembrar de suas raízes”.

O amigo Lázaro Alves que conhece muito bem o coração oratoriano de Joaquim, e como Joaquim tem o domingo reservado ao oratório, descreve com outros detalhes o oratório Pe. Luiz Cassiano: “fundou o Oratório Padre Luiz Cassiano. Esse oratório parecia muito com o de Valdoco, pois era itinerante. Funcionou, com mais de trezentos meninos, no Colégio Salesiano, depois, na Escola de Menores, que antes era a Escola Agrícola São José, preparação de aspirantes e hoje, entregue ao Estado para formação artesanal. Depois funcionou no Colégio Pelúcio Macedo, passando para o pátio da Escolinha Carinho da mamãe e a sua última atuação em vida, na Escola Municipal Antonio Conserva Feitosa, onde tem, hoje, uma quadra com seu nome, homenagem justa da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. Essa mudança acontecia, tão somente pela algazarra e travessura dos meninos que, como sempre, são inquietos”..

DO PÁTIO AO TEATRO

Luiz Moura

A casa de Dom Bosco era uma festa; na época não havia rádio e televisão. Quando pequeno Joãozinho divertia os jovens fazendo malabarismo e logo após convidava os curiosos para o catecismo ou para a celebração da eucaristia. Fundou a sociedade da alegria e quando sacerdote ornou suas casas com banda de música e teatro. Dificilmente é visto uma casa salesiana mais antiga sem um teatro. Nas leituras católicas encontram-se publicadas uma quantidade imensa de peças teatrais.

Pe. Amaurílio Machado que foi seu colega na juventude mostra seus dotes artísticos: “Conheci-o em Juazeiro do Norte no comecinho dos anos 60. Eu era adolescente. Ele era um jovem rapaz e estudava à noite, na Escola Técnica de Comércio. Seu pai era pedreiro. O Joaquim fazia parte de um grupo de jovens (lembro dos irmãos Antônio e Bosco Inácio) que fazia teatro salesiano no palco do Colégio Salesiano São João Bosco, da terra do padre Cícero. Lembro-me bem que encenaram com muito sucesso, e várias vezes, a peça ‘O Prefeito de Cabrobó’. Depois aproximei-me do Joaquim Izidro e ficamos amigos até a morte dele”.

Lázaro confirma as afirmações do Pe. Amaurílio acrescentando:” Para divulgar mais a causa salesiana, fundamos um clube de teatro, o CLUTECOPS, Clube teatral Cooperador Salesiano. No palco era um talento, falava pouco, por ser um pouco gago, mas a sua postura, com poucos gestos, fazia a platéia vibrar. A dupla Antonio Inácio e Joaquim era a sensação no palco calorosamente aplaudida. Essas encenações eram feitas todos os domingos, ao término da missa da noite, e, a pesar da hora avançada, o salão do teatro ficava quase lotado. Posteriormente, um diretor do colégio, achando insignificante tal atividade, acabou com o clube e fundou outro grupo de elite, os canarinhos. Essa atitude não foi motivo para arrefecer os ânimos, incentivou a ir a outros lugares divulgar a mensagem de Deus”.

Na afirmação de Manoel dos anjos, Joaquim manifesta as características de um artista mas não de um artista qualquer; um artista que manifesta que a arte é uma manifestação da beleza divina: “Sempre muito brincalhão, extravasa alegria, alegria de uma felicidade interior de quem tem Deus no coração, pois sabia ele que somente em Deus encontramos alegria, a plenitude da graça e a vida em abundância”.

Joaquim veio a falecer no dia 11 de junho de 2001, com 59 anos de idade, depois de cumprir sua missão aqui na terra e a pedagogia do pátio ficou mais pobre

FONTE: Extratos do livro: UM SALESIANO COOPERADOR DE CORAÇÃO ORATORIANO – JOAQUIM IZIDRO DO NASCIMENTO de Luiz Moura e Pe. José Pereira Lima Filho, SDB

PEDAGOGIA DO PÁTIO EM CARPINA

Francisco Felipe Filho, sempre SDB

Haja vista que tenha começado o primeiro texto com a motivação de uma fotografia plurissignificativa, urge expor o que, afinal, significa **pátio** nestes textos. Conceituemo-lo como todos os ambientes e ações que excluem os espaços de silêncio absoluto, a exemplo do dormitório, da capela, do salão de estudo e do refeitório, até o final da leitura. Serão, pois, objetos de nossas considerações o **pátio**, com os espaçosos pórticos, os campos de esporte – futebol, voleibol, futebol de salão e basquete, a travinha (precursora do vôlei de praia), o espaço em torno do monumento a Nossa Senhora Auxiliadora, ainda sem jardim, que servia para a brincadeira do ‘quadrado –, o campo de plantações, o teatro, e a padaria (a partir de 1963).

Em todos esses espaços, menos no trabalho de campo, estávamos assistidos por salesianos. Não se tratava de uma vigilância, mas de companhia amiga, preventivamente educadora. Era a **pedagogia do pátio** a preciosa pedagogia da ocupação, que se preenchia com os momentos de silêncio no estudo, no dormitório, na capela, no teatro – aproveitado também para ensaios do mavioso orfeão e da sonora banda de música –, nas salas de aula, no coro da capela para ensaios da música sacra solene.

Começamos pelos campos – de futebol e dos alegres passeios –, para explicar que, todos os dias – à exceção dos desanimadores dias de chuva, que eram muitos –, havia jogo de futebol, logo após o almoço, das 12h às 13h 30min, quando o toque do sino do Pereira Filho impunha uma certa tristeza. Às quintas-feiras, havia um passeio pelos campos, quando íamos ao morro com a capela do Engenho Trapiá, à Usina Petribu, ao Colégio das Dorotéias, ao Noviciado das Irmãs de Santana, a Lagoa do Carro, a Tracunhaém, a Paudalho, ao trevo já perto de Limoeiro, à barragem de Carpina, que até hoje garante água para a sede do município e cercanias. Depois do almoço, às quintas-feiras, havia jogos e, depois da merenda, pouco depois das três, havia jogos

de novo – futebol, salão, basquete, vôlei, travinha... Estávamos sempre acompanhados dos assistentes, em 1961: Seu Ricardo, da divisão dos menores, Seu Silvestre, dos médios, e seu Odilon, dos maiores. Seu Ricardo, algumas vezes, jogava conosco, só o voleibol, de batina (imaginem o calor). Lembro-me muito bem dele sacando na ‘cafua’ – quadrado pegado na pequena quadra de vôlei, do lado direito, marcado por proteção de tijolos, donde se tirava o ‘sax’, como dizíamos à época.

Acresço que o mundo de atividades que aqui descrevo é tão vário que se impõe dividi-las em mais extensos parágrafos. Pois bem, ainda destacando o futebol, às quintas-feiras (não havia aula), o jogo do meio-dia quase sempre se reservava aos menores no campo de futebol. À tarde mesmo, era dos médios ou maiores. Aos sábados não havia aula, então nos ocupávamos com uma limpeza geral pela manhã e jogávamos ao meio-dia e à tarde, ficando o campo em rodízio com médios e maiores. Domingo, após a segunda missa, havia jogo também pela manhã, além do meio-dia e da tarde. Era uma festa pedagogicamente delineada para crianças, adolescentes e jovens. Os salesianos também jogavam conosco futebol e voleibol. Neste, eram grandes atletas os clérigos Silvestre e Odilon, e os coadjutores (irmãos, hoje) Elias e Seu Benício (ele juntava as palmas das mãos, gritava “pega essa, banana frita” e batia com força na bola). Do futebol participava sempre um craque, o Padre Rolim, queridíssimo, além de Seu Cleodon (1962), Padre Aguinaldo (1963), Seu Bené, Padre Benevides (1961) – com um meião amarelo, um guarda-pó branco e um boné virado para trás ou um quepe branco, uma figura na lateral direita. –, além de Seu Renato Locatelli (1962), excelente alfaiate, que Padre Rolim chamava de Trappatoni, em alusão a um jogador da seleção italiana. Ele jogava de calça comprida.

Para concluir esta página, por dever de justiça, cumpre destacar que, além do craque que era, Padre Rolim, para as grandes festas, conseguia uma bola de futebol novinha, doada pelo Senhor José Lobo, dono ou gerente dos móveis de aço Confiança. Foram momentos verdadeiramente inefáveis, porque o futebol alegrava-nos sobremaneira, além de ocupar o tempo e participar com os salesianos – era a nossa maior glória jogar com um deles –, como Seu Odilon, ‘príncipe etíope’, que nos brindava com cabeçadas fortíssimas. A presença salesiana em nossos jogos, máxime do futebol, com a segurança que nos transmitiam, com a presença que nos confortava,

concretizava a produtiva **PEDAGOGIA DO PÁTIO**, um segredo que Dom Bosco nos ensinou, desde sua atuação como saltimbanco, até os vindouros anos após nossa geração.

PEDAGOGIA DO PÁTIO PÓS-CARPINA

Francisco Felipe Filho, sempre SDB

Será sempre imperioso repetir: a pedagogia preventiva de Dom Bosco, em Carpina, não era um sistema de vigilância, mas de presença, de sadia convivência, bem mais instrutiva e formadora que vigilante. Partindo, então, da ‘casa perfeita’, eis que no Noviciado, em Jaboatão, a convivência propriamente dita era apenas com o assistente Moura e com o Padre Mestre, santo, sábio e humilde, Padre Antônio José de Carvalho. Que pátio nos esperava em um ano de reflexão e de silêncio?

Além dos estudos de Literatura e Grego, para completar o currículo do ‘Científico’ para entrar na faculdade, em São João del Rei, em 1976, havia uma série de estudos bíblicos e de Civilidade com o Padre Manuel Ramos, e as ‘conferências’ praticamente diárias do nosso amado Mestre. Havia os serviços de limpeza, de transposição dos pesados armários do antigo Noviciado, jogávamos futebol – não havia jogo quando pelo menos um estava impedido de jogar. Muitas vezes, nosso assistente, obediente ‘usque ad mortem’, recebia e realizava conosco tarefas necessárias para a manutenção da casa. Passeávamos pelos canaviais dos engenhos, saboreando frutas, como araçá, que eu não conhecia. Havia ainda os banhos na represa e na piscina, ambas de águas turvas. Quando chovia, amontoávamo-nos no pórtico, ao lado dos aspirantes, ouvindo músicas de bandas da Polícia de Pernambuco. Por fim, demos um ‘murro danado’, enfrentando um barro liguento e formigas pinga-fogo para fazer um jardim na entrada propriamente da casa. Representamos ainda Marcos, o Pescador, opereta tradicional nas casas salesianas, na antiga capela do noviciado velho, transformada em teatro. Na despedida, ensaiamos algumas músicas, como ‘Addio per sempre, albergo aventureado, di gioia e piacer’. Era o dia 31 de janeiro de 1967. Madrugada seguinte, seguimos de combi para São João del Rei.

São João del Rei é grata e indelével lembrança, pelo ambiente fraterno, pela equipe excepcional de professores. Não nos cabia a tarefa da lavar os pratos, como antes. Depois do almoço, jogávamos futebol de campo, de salão, vôlei e basquete, com equipes vencedoras contra times da cidade e de municípios vizinhos, que visitávamos a passeio. Havia uma chácara ao pé da serra e lá acampávamos em tendas cedidas pelo 11 RI, do exército. Também fazíamos passeios em bicicletas emprestadas dos alunos do Colégio São João. Os estudos eram um primor. Padre Luís Zver promovia cursos de extensão. Os clérigos formavam o conjunto Anambé, com três saxofones, marimba, piston, bateria, acordeão e piano. Nossas missas eram inovadoras e bem ensaiadas, fossem com o Canto Gregoriano ou as músicas sacras clássicas ou populares. A faculdade mantinha um programa na Rádio São João, do qual eu fazia parte. Montamos também a peça Sambarque, Sambataí, com músicas de Chico Buarque e poemas de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade e a apresentamos no teatro São João, com estrondoso sucesso, e depois em Cachoeira do Campo, antiga casa salesiana. Aos domingos, o nosso Diretor, Padre Carrara, alugava filmes, e ele mesmo operava a máquina exibidora. Foram dois anos de profundos estudos de Psicologia, Filosofia, Latim, Grego, Português, Literatura e Linguística, enriquecidos com mestres inesquecíveis e uma biblioteca já bastante rica à época. Participei ainda, como animador, de um grupo de crianças especiais, embrião da APAE, que a nossa Faculdade Dom Bosco abrigou, sob o comando dinâmico do Padre Luís Zver. Após a descrição, a questão é onde está o Sistema Preventivo. Havia um assistente, padre, não direi inútil, mas livre de vigilância. Já estávamos, afinal, com dezoito anos.

Colégio Salesiano Sagrado Coração, em Recife, foi minha parada seguinte, já que não me foi permitida a volta para São João del Rei. Foi uma dura prova de obediência, que cumpri com alegria. Com 35 aulas semanais, cursando a Católica à noite, cuidando de um grupo de jovens sábado à tarde, e dirigindo duas missas aos domingos, ainda descobria tempo e formava conjuntos de música, com violão e cantores. Animávamos todas as festas. Posso dizer que minha missão mais recompensadora foi ensaiar uma missa com os alunos do turno da tarde, numa quadra quentíssima. Fiz conjunto com saxofone, piston, guitarra, teclado e bateria. O resultado foi esplendoroso. A avó de um aluno, a mim declarou: foi a missa mais bonita da minha vida. Aos 7 de

dezembro de 1970, saí do colégio para uma pensão. Ainda ensinei no Colégio e, aos sábados pela manhã, ensaiava músicas e jograis para as festas. Garanto que nesse colégio vivi plenamente o Sistema Preventivo e a pedagogia do pátio, jogando nos recreios com os alunos, o que me proporcionava ‘moral’ diante deles. Foi um tirocínio fecundo.

Depois que saí oficialmente da Congregação, continuei parte do Colégio até 1975 e fui ensinar em outros colégios – Marista, ESUDA e Damas. Neste, semanalmente, em cada uma das quatro turmas, havia uma aula lítero-musical.

PEDAGOGIA DO PÁTIO – UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL

José Gonçalves da Silva

Aspirante e Clérigo, no período 1953-1962

Pela ordem: em Recife, Jaboatão; PE, Lorena, SP, Natal, RN,
Baturité, CE

Já contei muitas vezes a amigos. Era início de 1962. Fui encaminhado pelo Inspetor P. Agenor da Fonte, para assistir o internato do Colégio São Domingos Sávio, em Baturité, CE. O Pe. Paulo Cabral da Rocha era o Diretor. Cumpria o segundo ano de tirocínio antecipado. O primeiro havia exercido em Natal, RN. Findavam, aí, os votos trienais, começados em Lorena, SP, onde estudei um semestre de Filosofia. Estava a um tempo em crise vocacional, o que me levou em parte a uma decisão espontânea. A outra, deixo sob responsabilidade de meus superiores, Pe. Carlos Leôncio, meu diretor-orientador e o referido Inspetor, exercendo, na época, seu poder de mando, na distribuição dos clérigos, para trabalharem nos Estados do Norte e Nordeste do País. De minha parte, ainda, incumbia-me testar minha vocação, assumindo as tarefas próprias do “ser salesiano”, evitando precipitar-me quanto à decisão de interromper a carreira sacerdotal para a qual me preparava.

Decidido o meu destino, assistir em Baturité, antecipei-me ao início das aulas. Lá, encontrei alguns estudantes que anteciparam, também, sua chegada. Uns continuariam seus estudos. Outros vinham para começá-los. Essa circunstância, continuada por mais algum tempo, com o regresso e ingresso de mais estudantes, foi um trunfo para o exercício do meu trabalho. Adotei de imediato um processo de acolhimento e convivência com eles. Assim, pude conhecer bastante da realidade que me aguardava, tanto em relação a eles próprios, quanto ao trato que lhes era dado pelo pessoal da casa, no ano anterior. Foram-me descritas, por exemplo, várias imposições. Algumas não poderiam ser eliminadas; outras seriam ajustadas por mim e umas novas seriam introduzidas. Foi-me relatada, por exemplos, a apoteose de indisciplina, na despedida do ano, ocasião em que rolos de papel higiênico e vidros de brilhantina foram jogados, rolando pelo chão ou se cruzando pelo

ar. Um desses vidros chegou a atingir o calcanhar do assistente, fato que me foi contado pelo próprio. Afirmaram ter esse comportamento representado a euforia de mais um ano de estudo concluído e o retorno para as férias; disseram, também, ter sido um indicativo da insatisfação pelo modo vivido no internato, em si mesmo, já uma repressão.

Minha convivência incluía, além do escutar e dialogar a respeito dos problemas trazidos de casa e do ambiente comunitário em que viviam, participar ativamente de suas atividades no estudo, na espiritualidade, na vida recreativa. Brinquei com eles os chamados jogos parados (dama, trilha, dominó etc e, erradamente, aí classificado, o pingue-pongue), obedecendo sempre a ordem determinada para a minha vez saindo quando perdia. Maravilhoso, diziam eles. O comum aqui era o superior entrar fora de sua vez e ficar jogando até quando achava conveniente. Fiz partilha, outrossim, dos jogos movimentados, inclusive o garrafão, não saindo para bater, mas apanhando enquanto acusado e correndo para o manja, motivo de risadas, admiração e compaixão. Coitado dele, diziam alguns.

Não preciso me alongar, descrevendo mais contribuições obtidas para o desempenho de minhas atividades como assistente dos menores. Foram muitas. Alípio, exímio professor de matemática, advindo de uma experiência no colégio salesiano de Salvador, BA, encarregava-se da divisão dos médios; o experiente clérigo Edelzuite, trabalhava com os maiores, enquanto o coadjutor Zé Maria tomava conta da cantina e nos apoiava espontaneamente ou sempre que solicitado. Com todos eles, especialmente com o mestre Alípio, cuja divisão ficava junta com a divisão dos menores, vivi momentos que só me enriqueceram na condução dos meus trabalhos e no encaminhamento de minha vida em conflito vocacional. Reforçava -me na caminhada, o Diretor Pe. Paulo, acima citado, reforce-se, brasileiro e o prefeito, Pe. Colares, que muito me apoiou na entrega de material para os esportes.

Vamos à obra. Antes devo dizer que, Independentemente do contexto vivido no Colégio, nos anos anteriores, o universo desses alunos indicava muitos oriundos de famílias ricas e ameaçadoras: “se você não me passar de ano, vou lhe internar no Colégio Salesiano ou no Colégio dos padres Jesuítas, em Baturité”. O dos Jesuítas se colocava mais aterrorizador, por situar-se no alto da serra, mais longe do barulho

da cidade. Essa “motivação” ameaçadora constituía um desafio a ser vencido, no processo educacional desses alunos, com extensão para os demais, obrigados a se comunicarem, uns com os outros, dadas as condições de um internato.

A experiência: Juntei todos numa sala ampla do Colegio, pedi para que eles indicassem 4 colegas de conhecida aptidão para o futebol. Nomeei-os como capitães de time. Pedi para que cada um formasse o seu time para um campeonato que seria organizado o mais breve possível. Sorteie a ordem de escolha. Orientei o óbvio: Cada um escolha seus atletas, um de cada vez, começando pelos melhores, até formar as quatro equipes e acrescentei: eu sou também um candidato. Espantados, escolheram os times de primeira divisão. Fiz o mesmo com os restantes, organizando os times de segunda divisão. Na sequência,, organizei, de igual forma, os atletas desejosos de jogar vôlei. Com essa estratégia, todos os alunos ficaram envolvidos nessas duas modalidades, além de participarem de outras práticas recreativas movimentadas tais como: o garrafão, a barra bandeira, o pega soltou.

Iniciadas essas atividades, que duraram todo o ano letivo, os fatores sociais de convivência, organização, divulgação e, sobretudo, disciplinar, ficaram distribuídos entre todos. Destaque-se nesse método de trabalhar com grupos, a importância do líder ou capitão de time. Solicitado ou não, ele se incumbia de falar com aqueles que destoavam em seu comportamento. Lembro-me bem de cada um utilizando o argumento de que seu time “tinha que ganhar”. Se você continuar com esse comportamento adverso ao comum do colégio, você poderá ser suspenso do nosso time. Além de nos prejudicar, , continuava; você fica privado da recreação. Isso é bom? Na maioria das vezes o capitão conseguia sucesso, evitando a interferência do Assistente. Essa se dava mais junto ao capitão ou líder de cada time, fazendo-lhe ver quem não estava bem na Igreja, no estudo, nas aulas ou no próprio jogo. Nesse empreendimento, infelizmente, meu time não foi campeão, mas nosso trabalho, sim. Dentre os cuidados para não infligirmos as normas da casa, estava o revezamento solidário entre nós assistentes: enquanto um jogava, os outros estavam atentos aos acontecimentos que os circundavam. Um substituí o outro nos impedimentos do seu dever. Éramos família. E o melhor: éramos aceitos pela direção. Nosso trabalho era valorizado.

Chegamos ao meio e final do semestre, coincidindo com dois eventos importantes: a Semana Santa e, no futebol a copa do mundo de 62. Imaginem o que aprontaram nossos assistidos, motivados pela construção de um “Judas”, boneco representando o mal, que deve ser queimado pelos algozes de sua própria construção e por simpatizantes, realização levada a termo pela divisão dos maiores. As divisões dos menores e médios arquitetaram roubar esse invento, prática também comum aos que gostam descarregar suas mágoas, matando o morto “Judas”. Um estudante descobriu e repassou sua descoberta a outros colegas. O Personagem estava guardado no quarto de dormir do Diretor, aguardando a hora das chacotas e escárnios a que seria submetido. Era tarde do sábado de aleluia. Sorrateiramente, uns três a quatro colegas, se juntaram e realizaram a proeza. O Judas ficou sob seus cuidados. As duas divisões ficaram avisadas e convidadas para a hora da queimação. Os maiores descobrem que foram roubados. De imediato, duas “gangues” estavam formadas: uma que procurava e outra que mantinha a estratégia do esconderijo. Corajosamente, eu o Alípio e o Edelzuite, acobertamos aquela movimentação dos alunos, cuidando da não proibição dos nossos superiores e zelando para que não se instalasse a violência entre os concorrentes. Na hora marcada, entre protestos dos roubados, mas contagiante alegria de todos, o cortejo dos menores e médios foi buscar o condenado. Trouxeram-no e, juntos, maiores e menores, sob nossa assistência, se divertiram malhando, estraçalhando e queimando o grande boneco. A intriga entre eles era apenas descobrir como tudo aconteceu. Foi uma festa.

Na copa do mundo daquele ano, não dispúnhamos, ainda, da televisão. Fizemos uso do chamado rádio de pilha. Tomamos emprestado um rádio de pilha de um dos nossos assistidos e o colocamos estrategicamente na lateral do campo de futebol. Ali, organizados em círculo, os jogos eram assistidos pelos interessados, enquanto outros praticavam normalmente os esportes que estavam à disposição. Terminado o recreio, todos se encaminhavam para o dormitório, faziam sua higiene, ouvindo o radinho até o jogo acabar, sem quebra do silêncio costumeiro ao ambiente e sem interferência proibitiva do assistente. Todos ouviam o pequeno rádio e vibravam com as jogadas narradas, sem quebra da disciplina costumeira do ambiente.

Assim, concluímos o ano letivo de um colégio que usava o internato como ambiente de educação, forma que já passava por um processo avançado de críticas contra a sua validade. O que foi realizado, além de cumprir alguns princípios da pedagogia preventiva de Dom Bosco, constituiu-se, também, numa estratégia de manter disciplinada uma turma de jovens, de cujo natural se esperava agitada e revoltada com o confinamento. Fomos agraciados com a ocorrência de um ano tranquilo no seu percurso e sem atropelos na véspera e no dia da despedida dos nossos assistidos e comandados alunos. A experiência valeu, ainda, fortemente, para a conclusão de minha crise vocacional: não se devia às dificuldades de seminário enfrentadas até então. Não incluía a ansiedade do que estava por vir no trabalho salesiano. Tratava-se, com certeza, de outras angústias e motivações internas, talvez até afetadas pela instabilidade normal à idade. Confesso que uma de minhas angústias era presenciar a incoerência entre o sistema preventivo tão bem pregado e a prática indesejável de alguns nossos educadores.

Esse modo de lidar no internato de Baturité, experiência, intuitivamente, considerada por mim como enquadrada no título: Pedagogia do Pátio, pronunciado pelo Pe. Pereira, durante o Encontro da AFS, de janeiro de 2014, fez-me aceitar o desafio de escrever sobre ela. Na realidade, iniciando a escrita, dei-me conta de que era necessário fundamentar a experiência em algum parâmetro teórico. Pesquisei pelo título, obtendo, para surpresa minha, um extenso acervo. Causou-me, então, constrangimento o caminho a tomar: esboçar a experiência realizada, fazer um trabalho específico sobre a Pedagogia do Pátio ou abranger as duas. Optei pela experiência, completada apenas por algumas características da Pedagogia aludida, por senti-las suficientes ao reforço teórico por mim procurado. Na época, contei com a ajuda dos colegas de assistência, acima aludidos Hoje, sou obrigado a acrescentar: “In memoriam” Padre Paulo Cabral da Rocha..

Busco essas características, a meu juízo, aplicáveis à Experiência de Baturité, em Kleber do Sacramento Adão que escreveu: Fundamentos de Uma Pedagogia do Pátio, no Pensamento e na Prática Pedagógica de Dom Boco. Confirmo-as mais abordadas com o Pe. João Carlos Perini, no seu livro: Dom Bosco e os Jogos, a Fascinante pedagogia do Santo dos Jovens, original Dom Bosco e Giochi, tradução de Pe Humberto V. de Barros, então salesiano em Brasília, DF.

Dom Bosco acentuava como imprescindível no seu processo educacional junto aos jovens, a presença e a convivência do educador em todo o ambiente de atualização desse processo. Para Dom Bosco, a vida do pátio era sem dúvida um lugar privilegiado, senão essencial, “indispensável para a educação de adolescentes e jovens, bem como uma coluna de seu sistema educacional... “vivem eles uma plena educação e assistência centrada na alegria e no lazer, onde o pátio se coloca como espaço de interação e informação.”

Um outro fator característico da Pedagogia de Dom Bosco, era a alegria. É bem verdade que a

alegria pode se estabelecer em nós por motivação interior, advinda da concentração do nosso eu nos estudos, na observação da natureza, nas artes, no bem estar espiritual e vivência com Deus. Ninguém, desconhece, entretanto, a irradiação da alegria nos eventos esportivo-recreativos dos quais participamos. Dom Bosco assim resumia: “a alegria é o elemento constitutivo do sistema, inseparável do estudo, trabalho e da piedade, a religião”. Dizia ele a um dos seus assistidos: “Se você quiser tornar-se bom, pratique somente três coisas e tudo correrá bem. São elas: a alegria, estudo, piedade. É este o grande programa que você deve praticar, e assim poderá viver feliz e fazer muito bem a sua alma”.

Citado por Perini, o historiador salesiano Eugênio Ceria vê em Dom Bosco o inventor de um Método original de educação com o jogo e durante o jogo. Com o jogo, Dom Bosco preferia aqueles brinquedos que exigiam agilidade da pessoa. “A recreação do Oratório era um espetáculo: jovens a correr, pular, fazer barulho, divididos em grupos, de acordo com a variedade dos jogos. Durante o jogo, era exigida a participação ativa de todos os educadores presentes no momento. O próprio Dom Bosco ficava à frente de algumas atividades esportivas. Promovendo a animação do pátio, participando dos desafios dos jogos e divertindo-se com eles, todos os envolvidos se tornavam verdadeiros amigos dos jovens, conquistavam sua confiança, sem maquiarem seu respeito entre eles.

Na vida do pátio, era dada toda a atenção para atividades destituídas de normas disciplinares tendentes a repressoras. Evitava-se aquelas outras que exigiam muita atenção, trabalho e esforço físico

exagerado. Até a ginástica com regras ostensivas ao livre divertir-se era, por vezes, esquecida do conjunto de atividades desportivas. Os jovens eram estimulados aos jogos de cunho mais recreativo, obedecendo-se apenas as regras próprias de cada modalidade, desenvolvidos, sobretudo, ao ar livre, vivendo-se a natureza nos seus encantos e dificuldades. Não estava descartado, porém, o exercício de atividades de movimentos mais moderados, incluindo-se: “caminhadas, passeios, jogos de sociedade com diálogos alegres e divertidos, intervenções inteligentes, explicações escolares ou de interesse social e cultural, cantos e pensamentos espirituais”.

Destaque-se que, para o funcionamento desse modelo pedagógico de Dom Bosco, com ênfase na vida do pátio, umas características eram marcantes. Começando pelo envolvimento de todos os educadores disponíveis, não apenas como observadores, mas participantes ativos de todo o processo, muitos princípios de liberdade estavam implícitos e explícitos. Havia uma gama de modalidades esportivas, favorecendo escolhas conforme gosto e interesse dos alunos; ninguém ficava de fora ou parado, sobretudo por exclusão ou vítima de preferências; se os jogos eram organizados na hora, adotava-se o sistema de tirar a sorte para a formação dos times competidores; o educador se incluía, também, como atleta.

Por fim, norteadoras de todo o método educativo de Dom Bosco, estão a prevenção e a alegria. Aquela trabalhada pela presença constante dos educadores junto ao educando. Esta, seguindo o pensamento e orientações do mestre: a alegria é uma forma de vida, um meio de se fazer aceitar o sério em educação e forma de condução à santidade. Entre os jovens deve reinar a alegria e o bom humor. Os verbos divertir-se e alegrar-se deviam conjugar-se com instruir e educar. Seu sistema de educar poderia ser sintetizado assim: “Todo vida, todo movimento, toda alegria”.

PEDAGOGIA DO PÁTIO – PRESENÇA DA MÃE

Genésio Gomes

O sistema pedagógico de Dom Bosco privilegia este ambiente sobremaneira. É nos jogos que o educando se revela e é aí que D. Bosco aproveita para conhecer seus educandos e inculcar neles palavras animadoras. Aproveita os momentos para dar um bom conselho, convidá-los para uma boa confissão.

E o educador pode com muito proveito participar dos esportes. D. Bosco era um educador nato, já desde criança, adolescente e jovem vivia com os companheiros alegre e feliz em formar sólidas amizades e orientando para o bem. Todos se sentiam bem em estar com ele. Não se trata de ser um vigia pronto a castigar, mas um amigo em quem se confia.

A pedagogia do santo educador era toda bondade e solicitação de mãe. Não foi sem motivo que levou sua mãe para bem perto de si. O oratório foi o modelo ideal do seu sistema educativo. Vamos imitá-lo com amor, religião e razão. Confiamos em Maria Auxiliadora e peçamos ao bom Pai do Céu que faça descer dos Céus as mais eleitas Graças para a numerosa Família Salesiana.

Amém!

 INSPETORIA SALESIANA
DO NORDESTE DO BRASIL **115**
Anos